

# Piora classificação do Brasil

A agência Moody's alega que o País, em ano de Copa e de eleições, não conseguirá promover ajuste fiscal

**Governo, avisado com antecedência, tenta, mas não consegue evitar rebaixamento de "estável" para "negativo"**

A percepção de que o Brasil não alcançará grandes avanços no esforço de promover um ajuste fiscal em um ano entremeado por uma Copa do Mundo e eleições gerais levou a agência internacional de classificação de riscos Moody's a anunciar ontem a decisão de rebaixar de "estável" para "negativo" o critério de avaliação do País para rating B1.

A avaliação é de fontes da área econômica do Governo que foram avisadas com antecedência pela Moody's de que o rebaixamento estaria para sair. "Procuramos evitar esta decisão, mas

não foi possível. Eles (economistas da Moody's) acham que o Congresso não votará as reformas em um ano de Copa de Mundo e eleições", disse um alto funcionário do Governo.

A má notícia, no entanto, não foi pior porque a Moody's não mexeu no rating do Brasil. "Continuamos com o mesmo nível de classificação de risco", comentou o mesmo funcionário do Governo. O custo das captações feitas por empresas brasileiras no exterior não deve, em função disso, aumentar.

Mas o rebaixamento anunciado ontem foi encarado como

"um sinal de alerta" de que o País precisa melhorar suas contas para evitar que o próprio nível de classificação de risco seja reduzido. "Temos que evitar um downgrade", disse uma fonte da área econômica do Governo.

As agências de classificação de risco têm sido alvo de críticas do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, que retornará hoje da Suíça, onde participou da reunião anual de bancos centrais promovida pelo Banco Internacional de Compensações (BIS).

Franco costuma dizer que estas agências não conseguem refletir a realidade de mercado pelo fato de o Brasil pagar spreads em seus lançamentos de bônus no mercado internacional menores do que os obtidos por países que possuem melhor classificação de risco em operações de captação externa com o mesmo perfil. O México, a Argentina e a Rússia são países que possuem atualmente uma classificação de risco superior à do Brasil.



**GUSTAVO Franco: agência não reflete a realidade de mercado**